

Em que mundo você vive?

Partimos da pesquisa e do estudo da cartografia histórica e da toponímia para se chegar à elaboração de um Mapa Mental, como o desenvolvido no livro **ATLAS DA EXPERIÊNCIA HUMANA**, tentamos representar um universo de possibilidades do mundo em que vivemos e do mundo em que gostaríamos de viver.



“Como representar graficamente o que cada pessoa sente, pensa e experimenta ao longo da vida? Louise van Swaaij e Jean Klare, autores de 'Atlas da Experiência Humana', combinaram textos sobre o sentido da existência com mapas de um mundo imaginário, mas facilmente identificável; o das relações entre as pessoas. Esse atlas não mostra apenas onde você está, aonde você quer ir e como chegar lá. Ele também acende a imaginação. Os mapas delineiam rios, montanhas, cidades, países, regiões inóspitas, oceanos e continentes que podem provocar sensações intensas”.

A estrutura formal do trabalho tomou como pressupostos áreas de continentes, oceanos e outras representações simbólicas livres e artísticas.

A base do desenho foi referendada no artista chinês **Qiu Zhijie** que expôs na última Bienal de Arte de São Paulo, em 2014, grandes mapas nas paredes do pavilhão.

Depois da elaboração de um projeto no portfólio de cada aluno, partimos para a pintura destes planetas em bolas brancas de PVC compradas diretamente do fabricante em São Paulo. A técnica da pintura que utilizamos foi aguada, uma técnica que requer paciência e tempo, pois a beleza da aquarela são as possíveis manchas e sobreposições de cores e camadas resultando em novas texturas.

Dos alunos requereu muita, mas muita paciência... No mundo em que vivem – de imediatismos, a paciência não é um valor muito desenvolvido por eles. Se a internet demora mais de um segundo, já acham que está lenta, se o professor fala por 5 minutos, já acham enfadonho... Assim, mais do que a técnica, o que buscava era trabalhar a **paciência**, o tempo, a sobreposição de camadas de tinta, como **vidas e emoções vividas** na busca de um resultado surpreendente, a cada semana.

O grande desafio foi utilizar um suporte plástico e uma tinta à base de água, a princípio, pouco aderentes. Outro desafio foi pensar em guardar as bolas cheias – requeriam um espaço desproporcional ao disponível em uma escola. Assim a cada aula inflávamos as bolas e no final as esvaziávamos totalmente, resultando na quebra destas camadas que mais pareceu um marmorizado, um defeito que se tornou um belo efeito. Além disso, algumas bolas estouravam e os alunos tinham que reiniciar todo o trabalho.

Na montagem da mostra, uma grande alegria foi ver a interação entre os alunos grandes e pequenos: no fundo, todos se tornavam meninos brincando e pulando para bater as mãos e cabecear as bolas já penduradas – coisa não muito entendida pelos padrões de disciplina de um educandário. **Essa paixão pela bola é nossa, de todos os brasileiros!**

O Jornal Estado de Minas mantém uma coluna intitulada “O mundo é uma bola” em que o colunista tenta mostrar fatos do passado, de períodos que giram e que nos influenciam no nosso dia a dia... Assim, esses planetas, hoje bolas flutuantes, que pairam sobre nossas cabeças são a ilustração de um mundo ou de vários mundos em que vivemos ou em que gostaríamos de viver, uma diversidade de cores, texturas e formas que giram entre estrelas em um universo chamado desejo. Acreditamos nas novas descobertas destes mundos oníricos, desse **infinito que habita dentro de nós**, e que tão bem a arte pode alcançar.

Rodrigo F. M. Faleiro
Professor da 1ª Série do Ensino Médio